



BLANK, Paulo. *Mentch, a arte de criar um homem*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. 216p.

A arte de criar um homem

Berta Waldman*

Paulo Blank confirma seu talento literário em seu novo livro *Mentch, a arte de criar um homem*, espécie de romance de formação, em que o narrador-personagem, um menino, conta suas andanças pelo Rio de Janeiro (em torno da Praça Onze), para onde a avó e a mãe, judias polonesas, imigraram, estendendo-se a ação romanesca até a ida dos três a Israel.

No livro, ressoa a língua ídiche, falada pelos judeus da Europa Oriental, utilizada pela mãe e pela avó do protagonista narrador, mesclada ao português. A referência a esse idioma é a marca registrada do relato que o inclui permanentemente, não só quando apresenta vocábulos nessa língua, como também no ritmo do português utilizado, em que ressoa o ídiche. É o tom do suporte oral desse idioma que está presente no livro. Os dois idiomas (o português e o ídiche), em contato, intercambiam signos, um contexto linguístico e semântico transita de um para outro, criando algo como um texto ídiche escrito em português. O autor alcança explorar um potencial tão expressivo da linguagem, que as vozes dos imigrantes somadas à do narrador (filho e neto das personagens femininas) contam a história dos judeus que imigraram para o Brasil, em particular para o Rio de Janeiro, trazendo também o Deus judaico para o primeiro plano, por meio da religiosidade da avó.

O núcleo familiar composto por avó mãe e filho é sólido, mas alimenta também áreas de conflito ao manter suas diferenças: à avó religiosa, que cita permanentemente os livros sagrados do judaísmo, contrapõe-se a filha, laica, guerreira, politicamente à esquerda; entre as duas, o filho/neto narrador, em fase de formação, equilibra-se em campo misto, entre os amigos judeus que frequentam a mesma escola que ele e os meninos não judeus empenhados em salvá-lo, trazendo-o ao cristianismo; entre a avó religiosa e a mãe combativa, politicamente, equilibra-se o protagonista narrador. Cabe a ele o difícil papel de fazer as escolhas que vão compondo sua identidade e também sua maturidade.

O choque entre culturas é a grande questão que se coloca nesse romance. As formas de convívio entre judeus e não judeus, a aceitação do adolescente pelo outro e vice-versa, são passos difíceis, porém necessários para que uma



identidade ganhe contornos. O jovem observa o modo como sua avó e mãe enxergam o Rio de Janeiro, como elas interagem com judeus e não judeus e essas observações participam de sua formação. A fidelidade do adolescente à mãe e à avó está inscrita no molde de sua identidade que inclui sua própria experiência, mas também a experiência delas herdada; a primeira, empenha-se em transmitir seus traços políticos; a segunda, os religiosos, polarizando-se aqui dois modos de ser judeu. Em nenhum momento, se põe em questão o judaísmo, ingrediente fundamental na constituição do *mentch*, ativado na apreensão contínua de experiências múltiplas, narradas em português em que soa a língua ídiche

Fora da história, mas dentro do judaísmo, as aldeias judias da Polônia brincavam de se esconder no interior da casa do narrador. Ocultos nos cantos escuros, seus habitantes circulavam, em verdadeiro desacordo entre os nomes das coisas e seus lugares. As roupas não se adaptavam aos armários, objetos e pessoas pairavam fora de seus destinos, dentro da casa respirava-se o paraíso da avó, falava-se ídiche “ e a paz reinava entre as coisas e os seus nomes” (p. 21). Os Cárpatos localizam-se no morro carioca, a rua Alexander Gas, situada em Lodz, Polônia, passa a fazer parte do Rio de Janeiro, montando-se um quebra-cabeças em que várias peças cabem no mesmo lugar. Ou um mesmo lugar passa a ser vários.

O pai, a mãe, a avó, o herói do gueto Iossl Rakover, o neto, os *partisans*, o professor Roizen, o *gói*, o *mentsch*, os *kapos*, os nazistas, o *raboinesheloilem* (o rabino do mundo ou o santo rabino), o Messias, tudo desemboca na chegada das três personagens a Israel, o que não quer dizer que elas se tornarão semelhantes aos demais judeus, apagando suas diferenças. Esta é uma utopia inventada por não judeus, na qual o autor não incorre em nenhum momento. O caminho culmina em Israel, porque se trata de um romance de formação e este seria o ponto de chegada do menino judeu, o que não quer dizer que o choque entre culturas não exista ou tenha chegado ao fim.

Embora a linguagem às vezes derrape e seja necessário repassá-la em próximas edições, o autor mantém-se permanentemente num entre-lugar, o meio fio do português e do ídiche, no qual as identidades se cruzam, sem apontar para um ponto de chegada único e irreversível. Nada indica que a chegada a Israel não implique convívio com a diferença, apesar da maioria judaica. É possível apagar a cultura de origem ou as culturas nas quais somos inseridos? Ser *mentch* é ser dividido? Essa e outras questões que o romance evoca têm a ver com o tema, mas também com a construção da linguagem, lugar intertextual onde se resolvem, numa estrutura discursiva, complexos jogos de equilíbrio, protagonizados por diferentes vozes.



* **Berta Waldman** é Doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária pela Universidade de São Paulo. Professora titular da Universidade de São Paulo e professora colaboradora da Universidade de Campinas. É autora de, entre outros títulos: *Entre passos e rastros*, 2003, e *O teatro ídiche em São Paulo*, 2010.